



Candidatos à presidência do Brasil na visão do *New York Times*: o primeiro turno das eleições de 2006¹

Maria Inez Mateus Dota²

Universidade Estadual Paulista-Bauru

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise de notícias do jornal *The New York Times* em sua versão on-line, com respeito ao perfil dos candidatos à presidência nas eleições do Brasil de 2006, no período de campanha que antecedeu ao primeiro turno. Baseando-se nos Estudos do Jornalismo desenvolvidos por Sousa (2002 e 2006) e Lule (2001) e no instrumental metodológico da Análise do Discurso oferecido por Bell (1991), Charaudeau (2006), Fairclough (1995 e 2001) e Fowler (1991), busca-se verificar como são construídos os perfis dos candidatos e quais os possíveis interesses que justificam a estruturação das notícias e as escolhas lingüísticas feitas pelo jornal.

Palavras-chave

Jornalismo; linguagem; discurso da mídia.

Corpo do trabalho

Este trabalho parte do pressuposto de que as mídias mantêm um espaço de cidadania, pois propiciam e fomentam o debate público (CHARAUDEAU, 2006, p. 252). Nesse aspecto, visa verificar se o *New York Times* contribui para a democratização da comunicação em âmbito mundial, uma vez que esse periódico atinge os quatro cantos do globo. “Embora não seja o maior, pode bem ser o mais significativo jornal do mundo, o último grande jornal” (LULE, 2001, p. 6).

Procura-se averiguar de que forma são estruturadas as notícias que cobrem as eleições presidenciais no Brasil, observando, principalmente, que vozes são introduzidas nas matérias, que interesses são representados, qual a natureza da ideologia representada e que estratégias promovem essa ideologia. Segue-se a linha de Fairclough (1995, p. 14) para quem as “ideologias são proposições que geralmente figuram como pressuposições

¹ Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP. Publicações recentes: O Brasil no discurso do *New York Times*: aspectos políticos. In: GOULART, Jefferson O. (Org.). **Mídia e democracia**. São Paulo: Annablume, 2006, p. 123-138. Leitura crítica em textos da mídia em língua inglesa. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, no. 35, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2006/revista20062.htm>>. Acesso em 24 nov. 2006.



implícitas em textos, que contribuem para produzir ou reproduzir relações desiguais de poder, relações de dominação”.

Com relação à linguagem, especificamente, busca-se perscrutar que recursos lingüísticos são empregados para a composição dos perfis dos quatro candidatos enfocados pelo jornal, tais como a escolha do léxico, a ironia e a intertextualidade. Verifica se palavra chave da notícia aparece no título ou no lide e em que outra parte da matéria determinadas informações são apresentadas. Entende-se que “as notícias são determinadas por valores e que o tipo de linguagem em que as notícias são redigidas reflete e expressa esses valores” (BELL, 1991, p. 2).

O *corpus* analisado foi selecionado a partir de uma verificação diária do *New York Times*, no período compreendido entre 15 de março – um dia após a data em que foi lançada a primeira candidatura à presidência, a de Geraldo Alckmin – e 1º de outubro – dia da votação em primeiro turno. Obtiveram-se 39 notícias que enfocaram especificamente a questão das eleições ou que tangenciaram esse assunto ao abordarem outras temáticas.

1. Luiz Inácio Lula da Silva

Grande parte da cobertura efetuada pelo jornal sobre as eleições presidenciais no Brasil concentrou-se no candidato Luiz Inácio Lula da Silva, abordando principalmente os escândalos e, em menor escala, sua origem humilde, seus programas sociais e a economia em seu governo.

1.1. Os escândalos

A referência a escândalos de corrupção no governo do presidente Lula foi colocada em destaque pelo jornal desde o início do período verificado: *Mr. da Silva, who has not officially announced his candidacy for re-election, has been weakened by a corruption scandal, and the Social Democratic Party is seen as having the best chance of beating him*” (15 de março, 2006). Quando o periódico diz que “o PSDB é visto como tendo a melhor chance de bater” Lula, não aponta em que dados concretos está baseado para fazer tal afirmação. O uso da voz passiva - “é visto” - permite ao jornalista a possibilidade de expressar uma crença (que pode ser a expectativa do jornal) sem apontar suas fontes.

Quando trazida a uma das notícias do mês de março, a fonte mencionada é uma pessoa da elite – um analista da América Latina - que, no início da campanha eleitoral,



preconiza dificuldades para Lula em função do escândalo com seu ministro Palocci: *“The larger repercussion of Palocci’s ouster will be in growing concerns over where a hypothetical second Lula mandate will be headed,” said Christopher Garman, a Latin America analyst with the Eurasia Group* (28 de março, 2006).

Ao abordar escândalos de corrupção, o *New York Times* mostra-os bem próximos a Lula, embora observe que ele não foi “diretamente implicado”: *Mr. da Silva himself has not been directly implicated in the accusations of accepting payoffs, and he has denied any involvement. But his chief of staff resigned in June, shortly after congressional hearings began, and the president, secretary general and treasurer of the governing Workers’ Party were also forced to step down because of their involvement in the scandal* (28 de março, 2006).

No caso de um escândalo com o ministro Palocci, o jornal aponta tanto as perdas econômicas e pessoais para Lula como detalhes das supostas atividades escusas de seu ministro: *Palocci’s ouster deprived Silva, known as Lula, of a longtime ally, campaign organizer and cabinet minister who reassured investors that Silva would not drive Brazil into an economic meltdown after he became Brazil’s first elected leftist president in 2002. [...] Palocci was accused of frequenting a house in the capital of Brasilia where lobbyists threw parties with prostitutes and money arrived by the suitcase, possibly for political payoffs. He denied ever setting foot in the house* (29 de março de 2006).

As escolhas lexicais – “privou Silva” e “festas com prostitutas e dinheiro vindo em mala, possivelmente para subornos políticos” – certamente configuram um grande desgaste para um presidente que pleiteia a reeleição.

Fazendo uso da intertextualidade e insistindo no escândalo, o jornal traz à tona a voz da senadora Heloísa Helena, naquele momento uma ferrenha opositora a Lula, que critica líderes do PT acusados de comprarem votos no Congresso: *Last year, she furiously criticized prominent PT leaders accused of vote-buying in Congress, a scandal that tarnished the party’s image. An ethics investigation found no evidence, but Silva’s powerful chief of staff was expelled from Congress and the president’s popularity plunged* (11 de agosto de 2006).

Mesmo quando o próprio *New York Times* prevê a possibilidade de uma vitória de Lula no primeiro turno, o periódico faz um retrospecto do escândalo de maio de 2005: *The scandal that threatened to derail Mr. da Silva’s presidency erupted in May 2005, when a kickback scheme involving post office contracts was exposed. As the news*



media and congressional investigators dug deeper, however, they found evidence that Mr. da Silva's 2002 presidential campaign was financed illegally. The clandestine fundraising scheme continued after he was elected and included payoffs to members of Congress in return for votes (17 de setembro de 2006). A leitura que o jornal proporciona indica: embora com grandes chances de ser reeleito, o presidente Lula está enredado em corrupção há um ano.

Na sequência, o periódico enfoca o episódio que ficou conhecido na mídia brasileira como o “escândalo do dossiê” e que envolveu e tirou do cargo o coordenador da campanha do presidente Lula, Ricardo Berzoini: *In short, mysterious money for crooked dealings has again been found in the hands of people close to Mr. da Silva* (22 de setembro de 2006). A expressão “dinheiro misterioso para transações desonestas” lança sérias suspeitas sobre o presidente candidato, uma vez que pessoas muito próximas a ele estão sob acusações.

Apontando a posição de Lula bem à frente nas pesquisas, o *New York Times* afirma que um escândalo de corrupção poderá tirá-lo do cargo, fazendo alusão a um possível *impeachment* caso o presidente seja reeleito. Chama a atenção para a ironia do fato, pois foi a “reputação honesta” do PT que ajudou a reelegê-lo em 2002: *Yet even though he is far ahead in the polls, his presidency is being rocked by a corruption scandal that could conceivably unseat him. It's a distant prospect, but an ironic turn of events, given that it was his Workers Party's clean-hands reputation that helped him become Brazil's first elected leftist president* (24 de setembro de 2006).

Inclusive, no dia da eleição em primeiro turno, o periódico assevera, no lide de uma das notícias assinada por seu correspondente no Brasil Larry Rohter, que os brasileiros vão às urnas com “um outro escândalo de ética e corrupção batendo na porta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva” e lança a dúvida se ele “é merecedor de um segundo mandato”: *With yet another ethics and corruption scandal lapping at President Luiz Inácio Lula da Silva's door, Brazilians will be asked to decide Sunday whether he is worthy of a second term* (1º de outubro de 2006).

Para Jack Lule “inúmeros comentaristas têm observado que a imprensa dos Estados Unidos tem quase sempre coberto os assuntos internacionais a partir da perspectiva dos interesses políticos dos Estados Unidos” (LULE, 2001, p. 149). Obviamente que aos Estados Unidos – ícone do capitalismo - não interessava um segundo mandato de um presidente com um forte histórico de esquerda e próximo de opositoristas ao governo americano - Hugo Chavez e Evo Morales.



Vale a pena observar que das 39 notícias analisadas, 9 trouxeram a palavra-chave da notícia - “escândalo” ou “corrupção” - no título da matéria, sendo 6 na última semana que precedeu a votação em primeiro turno:

a) *Brazil's finance Minister Quits Amid Continuing Political Scandal* (28 de março);
b) *As Brazil Votes, Leader Seems Unscathed by Scandal* (17 de setembro); c) *Days Before Brazil Votes, New Scandal for Leader* (22 de setembro); d) *Brazil's Lula, Alckmin Trade Barbs on Corruption* (24 de setembro); e) *As Brazil Prepares to Vote, Scandal's Taint Seems to Fade* (25 de setembro); f) *Brazilians Shrug Off Corruption Scandals* (29 de setembro); g) *Silva's Faces Election, Growing Scandal* (1º de outubro); h) *Scandals Could Thwart Lula Sweep in Brazil* (1º de outubro); i) *Brazil Heads to Polls in Shadow of Yet Another Scandal* (1º de outubro).

Os títulos das notícias acima apontam, por um lado, a presença de escândalos no governo brasileiro durante o processo eleitoral, a dificuldade que esses escândalos podem causar à reeleição do presidente Lula e, por outro lado, visam marcar a reação do povo brasileiro diante da corrupção, nesse caso a indiferença frente aos escândalos, pois, na visão do jornal o “líder parece não atingido pelo escândalo”, “a mancha do escândalo parece diminuir” e “brasileiros são indiferentes aos escândalos de corrupção”, conforme (b), (e) e (f) acima.

Quando se analisam todos os títulos das 39 matérias, observa-se que 9 são positivos para Lula, 8 são neutros e 22 são negativos ou para Lula (14) ou para o Brasil (8), este último caso interferindo também na imagem do presidente, uma vez que ele é o governante máximo do país. Confirmam os exemplos abaixo:

Positivos: *Brazil's Lula Widens Lead Before October Vote: Poll* (8 de agosto); *Brazil Economy to Benefit From Election* (19 de setembro)

Neutros: *Voters Should Decide Lula's Fate: Brazil Candidate* (19 de abril); *Brazil's Silva Announces Re-Election Bid* (24 de junho)

Negativos: *Brazil's Currency, Stocks Drop* (28 de março); *In Brazil, Anger at Leader's Mild Response to Bolivia's Bold Move* (4 de maio).

Nessa direção, o *New York Times* também mostra que, no final do período que antecede a votação em primeiro turno, há uma “fadiga dos escândalos”, o que permite ao presidente Lula continuar popular apesar deles. A leitura que o jornal insiste em passar é que para os brasileiros a corrupção está em segundo plano. *The turnaround is a result of several factors, political analysts say, like generous patronage and social*



programs that have buoyed the president's standing. Simple voter weariness with hearing about corruption day after day has also clearly played a part (25 de setembro).

Assim, o clima em que se realizam as eleições no Brasil é retratado no título de uma das matérias - *Brazilians Shrug Off Corruption Scandals* (Brasileiros Dão de Ombros aos Escândalos de Corrupção) e numa fala atribuída ao próprio presidente Lula, estratégias que dão saliência ao enfoque do jornal: *But at the height of the first major scandal, Silva outraged Brazilians when he responded to a reporter's question about illegal campaign financing by saying, "Everybody does it."* (Mas no alto do primeiro grande escândalo, Silva ofendeu os brasileiros quando respondeu à pergunta de um repórter sobre financiamento ilegal de campanha dizendo, "Todo mundo faz isso." – 29 de setembro).

Ao apontar a reviravolta a favor de Lula mesmo em meio a escândalos, o jornal indica que isso se deve ao clientelismo, a programas sociais e ao "cansaço do eleitor simples com a informação sobre corrupção dia após dia" (exemplos acima). Na mesma linha, o *New York Times* já havia trazido a uma das matérias, no mês de abril, o comentário de um cientista político brasileiro que qualificava Lula como o presidente Teflon, em quem nada adere: *"Lula continues to be the Teflon president – nothing sticks to him," University of Brasilia political scientist David Fleischer told an investors' conference in New York*" (19 de abril).

Tais comentários, de certa forma, constroem uma imagem negativa do povo brasileiro, que, naquele momento, tenciona (conforme pesquisas) escolher um candidato que está cercado por escândalos. Não há da parte do jornal um foco no processo democrático em si, que permite aos cidadãos no Brasil escolher o seu presidente pelo voto direto, mesmo que a escolha possa se mostrar equivocada. Da mesma forma, nessas matérias, não há uma discussão aprofundada sobre os programas sociais desenvolvidos pelo governo Lula no primeiro mandato, mesmo que para apontar seus pontos negativos. Nesse sentido, o conteúdo da informação que é passado para o mundo não enfoca a realidade das eleições no Brasil em todas as suas perspectivas, porque a "representação, na imprensa bem como em todos os outros tipos de mídia e discurso, é uma prática construtiva. Os eventos e as idéias não são comunicados de forma neutra, em sua estrutura natural..." (FOWLER, 1991, p. 25). O ângulo a partir do qual o processo eleitoral brasileiro é retratado no *New York Times* é o ângulo dos escândalos e, nessa perspectiva, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva não merece ser reeleito.



1.2. Raízes humildes

A idéia de um candidato de raízes humildes que teve uma vida difícil e que é apoiado principalmente pelos pobres perpassa as notícias: *Voters also appreciate that Silva comes from a humble background shared by a majority of Brazilians – two-thirds of whom get by on less than \$500 a month* (28 de setembro).

Sua origem não é trazida à baila para que se apresente a trajetória de uma pessoa pobre que chegou ao posto de Presidente da República. Pela intertextualidade, na voz de um professor universitário e consultor de opinião pública, o *New York Times* mostra como a questão das raízes humildes de Lula o ajuda em sua popularidade. Também indica como isso é instrumentalizado em sua campanha, no sentido de angariar-lhe votos: *“Lula is not a conventional president, and enjoys a degree of identification with the less-educated sector of the populace that is like a safe conduct pass that allows him to do what he wants,” said Rubens Figueiredo, a university professor and public opinion consultant. “He has been absolved beforehand.” [...] Mr. da Silva’s campaign rallies and on television advertisements, reminds voters again and again of those humble roots and his kinship with them* (25 de setembro).

1.3. Programas sociais

O jornal aponta que o apoio de Lula dentre os pobres vem, além da identificação com suas raízes humildes, dos programas sociais que tiraram milhões da pobreza: *Their support of Silva derives from his efforts to raise the minimum wage and implement social programs that studies show have lifted millions out of poverty in the past four years* (28 de setembro).

Colocando a adesão do eleitorado dessa forma, o periódico subliminarmente enfatiza o grau de pobreza de grande parte da população brasileira, que prefere ficar indiferente aos escândalos e garantir sua sobrevivência à custa dos programas sociais do governo. Mais uma vez não há por parte do jornal uma discussão sobre as questões sócio-econômicas que influenciam a decisão dos eleitores.

1.4. A economia no governo de Lula

Uma das matérias, embora com um título positivo – *Brazil Economy to Benefit From Election* (Economia do Brasil a se beneficiar com a Eleição, 19 de setembro), apresenta três fatores que dificultam investimentos no país, ou seja, altas taxas de juros, burocracia e legislação trabalhista protecionista: *Interest rates are still stiflingly high,*



anyone starting a business must do battle with mind-numbing bureaucracy, and labor laws make it more expensive to fire incompetent workers than keep them on the payroll (19 de setembro).

Quando o jornal mostra a economia no governo Lula afinada com o mercado, fá-lo de forma irônica, apontando incoerência face à origem de líder sindical do presidente candidato e tentando obscurecer seus acertos com relação à economia: *Silva is now seeking a second term in Brazil's Oct. 1 election, vowing to stick to the market-friendly economic policies he embraced in his first term and that turned the ex-radical union leader into an ally of investors from Avenida Paulista in the heart of São Paulo's financial district all the way north to Wall Street* (19 de setembro).

Na posse do ministro Guido Mantega, o *New York Times* avança a possibilidade de ele baixar as taxas de juros muito rapidamente, visando objetivos eleitorais. Assim, uma medida que poderia ser adequada no contexto econômico do país, torna-se, naquele momento e na ótica do jornal, oportunista. É importante observar que o *New York Times*, propriamente, não assume essa posição, mas transfere-a intertextualmente para vozes anônimas, os “analistas” não identificados: *But some analysts worry he may reduce sky-high interest rates too quickly to keep inflation in check and increase government spending to boost economic growth as Silva prepares for his anticipated re-election bid* (20 de março). “Pode-se considerar que a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 144).

Com relação à crise do gás gerada pela revisão dos contratos de exploração na Bolívia, o *New York Times* considera como fraca a reação do presidente brasileiro e faz uma conexão dessa postura com sua posição ideológica, apontada como já tendo sido abandonada por Lula, no contexto anteriormente citado em que o jornal comenta sua afinidade com o mercado. O título de uma das matérias (bem como o lide) envolvendo a relação Brasil-Bolívia visa mostrar as críticas que Lula recebeu dentro do Brasil: *In Brazil, Anger at Leader's Mild Response to Bolivia's Bold Move* (No Brasil, Raiva pela Branda Resposta do Líder ao Movimento Abrupto da Bolívia - 4 de maio).

Para corroborar sua posição, o jornal traz afirmações de um ex-embaixador do Brasil nos Estados Unidos que qualificam Lula como “mal preparado para defender os interesses comerciais do Brasil”, interessando para o periódico, neste caso, mostrar que Lula permanece fiel à sua ideologia de esquerda: *“Brazil should have seen this coming,” said Rubens Barbosa, a former Brazilian ambassador to the United States now working*



as a business consultant in São Paulo. “Because of his ideology,” Mr. Barbosa said, “the president was ill prepared to defend Brazil’s commercial interests” (4 de maio). O outro lado da questão – uma reação bem calculada de Lula – é também apresentado pelo jornal, mas numa posição de menor destaque, isto é, no final da matéria citada: *Some political analysts say Mr. da Silva’s soft rebuttal to Mr. Morales is calculated. A tougher reaction, they contend, could prompt Bolivia to be more aggressive in increasing its share of the profits as it negotiates new contracts with foreign investors, as stipulated by the decree.*

As duas matérias que mencionam a quitação da dívida do Brasil com o FMI – uma medida positiva da administração Lula – fazem-no em meio a críticas ao baixo crescimento econômico do país e à lembrança da postura anti-FMI de Lula no passado: *Under Silva, Brazil has kept interest rates sky-high, attracting foreign capital and slowing domestic growth to pay debts and control inflation.[...] Last December, Brazil paid off its full \$15.5 billion debt with the International Monetary Fund to save on interest payments* (24 de junho). O pagamento da dívida com o FMI, embora incoerente com o discurso de Lula no passado, permite certo grau de independência para o Brasil, um aspecto positivo que ao jornal não interessa constatar.

Mesmo quando o periódico mostra a habilidade de Lula no manejo da economia, apresenta-o como uma surpresa em função de ser o primeiro presidente esquerdista: *A poor farmer’s son who became a fiery union leader and was later elected as Brazil’s first leftist president, Silva surprised many by governing as a moderate once taking office. His deft handling of the economy won him backing on Wall Street and in Brazil’s shantytowns* (1º de outubro).

2. Geraldo Alckmin

Se compararmos as menções feitas a Lula com aquelas feitas a Alckmin, estas foram em número muitas vezes menor. Isso vem ao encontro de um dos critérios de noticiabilidade apontado por Sousa (2002, p. 83) – “a proeminência das pessoas envolvidas”. Lula como presidente em exercício no momento da eleição de 2006 obteve muito mais espaço no *New York Times* do que Alckmin, governador do Estado de São Paulo, afastado do cargo para concorrer às eleições.

Assim, Alckmin é retratado como médico, de estilo formal, ligado a empresários, e citado em críticas a Lula ou nas notícias que abordaram os ataques do PCC - uma facção criminosa - à cidade de São Paulo.



2.1. Características pessoais

Na abertura da campanha política quando lançou sua candidatura, Alckmin é apresentado como governador do Estado de São Paulo, “o maior (?) e o mais rico estado”, lançado para desafiar Luiz Inácio Lula da Silva (15 de março). Sua profissão de médico é apontada apenas em notícia de 30 de setembro.

Por ocasião da divulgação de um relatório indicando o PT como manipulador de fundos ilícitos de campanha e propinas a membros do Congresso, o *New York Times* mostra Alckmin como o “bom moço” que não quer ganhar as eleições por um *impeachment* de Lula: *Brazil’s main opposition presidential candidate said on Wednesday he did not favor attempting to remove President Luiz Inácio Lula da Silva by impeachment over a corruption scandal that has already cost some of his closest aides their jobs* (19 de abril). Nesse caso, o título da matéria alicerça-se num princípio democrático, ou seja, que a definição do vencedor fique a cargo dos eleitores: *Voters Should Decide Lula’s Fate: Brazil Candidate*.

Ao final de uma das matérias publicadas na data de realização do primeiro turno, 1º de outubro, o *New York Times* afirma que a mensagem e o estilo formal da campanha de Alckmin não lhe carregaram votos das classes mais baixas: *But his message and his stiff campaign style failed to inspire lower-class voters*. Nesse mesmo dia, o jornal aponta no título da matéria – numa posição de muito maior destaque do que a mencionada acima com relação a Alckmin - que, em função dos escândalos, Lula pode não vencer no primeiro turno: *Scandals Could Thwart Lula Sweep in Brazil Election*.

2.2. Alckmin ligado a empresários

Em 8 de agosto, quando Alckmin se apresenta bem atrás de Lula nas pesquisas (27,2 contra 44,1), o periódico sinaliza aos leitores que o primeiro é o candidato ligado aos empresários e, no dia da eleição, que tenciona melhorar as condições de investimento: *Alckmin, the business-friendly candidate of the Brazilian Social Democracy Party, had gained on Lula after campaigning began officially on July 6; Alckmin, a former governor of Brazil’s richest state Sao Paulo, promises to cut taxes and make easier conditions for investment*.

2.3. Críticas a Lula



Em três matérias Alckmin é introduzido para fazer críticas a Lula, oportunidades em que o *New York Times* dá voz ao candidato da oposição para criticar o presidente por não comparecer a um debate do período: *Lula's closest rival in the race, Geraldo Alckmin of the centrist Brazilian Social Democracy Party, kicked off the event by suggesting that the president was disrespectful to voters by refusing to openly debate crucial issues such as crime and economic growth* (15 de agosto). Na crise do gás com a Bolívia, Alckmin disse que Lula não defendia o Brasil por questões ideológicas: *Silva "has the obligation to defend Brazil, but he's putting ideological interests first, leaving Brazil's interests in second place"*... (21 de setembro). Sobre o escândalo do dossiê, aponta-o como um dos maiores escândalos da história do Brasil: *His main rival, Geraldo Alckmin, [...] highlighted the sleaze issue in new television spots showing police leading away PT functionaries, calling the latest shenanigans "one of the biggest scandals in the history of the country."* (24 de setembro)

No final da campanha que antecedeu o primeiro turno, no meio de uma matéria e não em posição de destaque como nas diversas notícias sobre escândalos do PT, o jornal afirma que Alckmin tirou pouco proveito do escândalo do dossiê, em parte porque seu partido fora acusado de esquemas de corrupção na administração anterior: *Alckmin has been unable to capitalize on the scandal in part because members of his Brazilian Social Democratic Party have been linked to similar corruption schemes during the previous administration* (29 de setembro).

2.4. Violência em São Paulo

Durante a onda de violência que assolou a cidade de São Paulo em maio de 2006, o jornal mostra, no meio de duas matérias e não em posição de destaque, o desgaste político que Alckmin pode ter por questões de segurança no Estado de São Paulo: *Mr. Lembo's predecessor, Geraldo Alckmin, recently stepped down as governor in order to run for Brazil's presidency, and any failure in the state's security policies could easily be used politically in what is expected to be a re-election bid by President Luiz Inácio Lula da Silva* (16 de maio).

3. Heloísa Helena

A então senadora Heloísa Helena é apresentada pelo jornal como uma “incendiária socialista” e “furiosamente crítica” dos dois principais candidatos: *The Tuesday poll showed Sen. Heloisa Helena, a firebrand socialist who is fiercely critical*



of both Lula and Alckmin, with 9.3 percent, up from 5.4 percent in July (8 de agosto). Pelo estilo combativo da candidata, o *New York Times* qualifica-a como uma esquerdista de “língua afiada” e usuária de “palavras ásperas”, trazendo à tona, principalmente, críticas ao presidente Lula em cujo partido Heloísa Helena já havia militado: *But when Heloísa Helena Lima de Moraes starts to talk, her words are harsh and accusatory, filled with fire and brimstone, especially as regards her former comrade-in-arms, President Luiz Inácio Lula da Silva (7 de setembro).*

O título dessa última matéria citada sugere que essa “ex-aliada pode estragar a disputa para o presidente” (*In Brazil, former Ally May Spoil Race for the President*) e não fica claro se isso implica derrota ou um segundo turno. Trata-se de um título apelativo, para atrair o leitor, que só se esclarece no decorrer da matéria, quando o jornal informa que Heloísa Helena pode forçar um segundo turno entre Lula e Alckmin.

4. Cristovam Buarque

Esse candidato foi superficialmente citado em apenas duas matérias, para que o jornal introduzisse críticas a Lula por não ter comparecido a um debate do primeiro turno: *“The Lula administration has brought a lot of disappointments, but I would say one of the biggest yet is his absence here,” Buarque said. “It’s a lack of respect for the democratic process” (15 de agosto).* Em outra matéria o jornal qualifica Buarque como posicionado à esquerda de Lula e como seu ex-aliado. Mesmo tendo sido Ministro da Educação do governo Lula e tendo proposto para as questões da educação no Brasil, o *New York Times* dedicou pouquíssimo espaço a Cristovam Buarque.

Considerações finais

Face à análise empreendida, observa-se que o foco da campanha presidencial de 2006 foi o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, apresentado, em meio a escândalos de corrupção, como o candidato dos pobres, de origem humilde e impulsionado por seus programas sociais. Os títulos das notícias são predominantemente negativos, mesmo quando em seu corpo aparecem informações positivas sobre a estabilidade econômica do país, o pagamento da dívida com o FMI ou os programas sociais que tiraram milhões de brasileiros da pobreza. Esse destaque para aspectos negativos vem ao encontro dos estudos de Sousa (2002, p. 83) que aponta a negatividade como um dos critérios de noticiabilidade e indica o escândalo como um dos critérios de seleção das notícias (SOUSA, 2006, p. 121).

Com relação a Geraldo Alckmin, pouco se explorou sobre seu perfil: ex-governador do Estado de São Paulo que pode ser prejudicado pelos ataques do PCC à cidade de São Paulo, ligado a empresários e “bom moço” que não quer vencer por um eventual *impeachment* de Lula.

As informações introduzidas a respeito dos candidatos Heloísa Helena e Cristovam Buarque (e algumas sobre Geraldo Alckmin) vêm simplesmente para corroborar a posição do jornal quando fala do presidente Lula: criticá-lo pelos escândalos e por equívoco ou incoerência em face de seu histórico esquerdista.

A estruturação das notícias, ou seja, a disposição das informações nos títulos, nos lides ou em determinadas posições no interior das matérias, também indica que o *New York Times* destacou, na cobertura desse período das eleições de 2006, o candidato presidente envolvido em escândalos, incoerente com seu histórico de esquerdista e apoiado pelos pobres favorecidos por seus programas sociais. Nenhum dos outros três candidatos citados foi retratado por algum aspecto negativo em títulos ou lides das matérias.

Analisando este conjunto de notícias pelo ângulo da construção da cidadania em âmbito mundial, dado o alcance do jornal, e tendo em vista a divulgação de conteúdos lastreada em princípios democráticos, que possa favorecer o debate público, pode-se afirmar que os sentidos produzidos pelo *New York Times* não abordam aspectos essenciais envolvidos numa campanha eleitoral, quais sejam, propostas dos candidatos e histórico de realizações nos cargos já assumidos.

A exploração excessiva de escândalos que ocorreram no governo Lula, em que pese a necessidade de denunciá-los, não propiciou um debate de idéias e nem contribuiu para uma análise fundamentada dos leitores que querem conhecer a realidade brasileira. Pode-se dizer que até mesmo os leitores investidores tiveram dificuldades em avaliar suas possibilidades com relação ao Brasil, num quadro tão conturbado como este pintado pelo periódico. Predomina a visão de que o “outro mundo” – o mundo fora dos Estados Unidos – “é uma terra de pobreza e caos” (LULE, 2001, p. 153).

Referências bibliográficas

BELL, A. **The language of news media**. Oxford: Blackwell, 1991.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**, London: Edward Arnold, 1995.



_____. **Discurso e mudança social**, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOWLER, R. **Language in the news: discourse and ideology in the press**, London: Routledge, 1991.

LULE, J. **Daily news, eternal stories**. New York: The Guilford Press, 2001.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

_____. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.